



REFLEXÃO BÍBLICA

Essência do seguimento: permanecer no Jesus “podado”

“Permaneçei em mim e eu permanecerei em vós.” (Jo 15,4)

Pe. Adroaldo Palaoro, SJ

5º Domingo da Páscoa – Ano B

No Evangelho de João encontramos expressões com as quais estamos acostumados e que, infelizmente, escutamos ou lemos de modo superficial. Na verdade, quando as lemos ou escutamos como palavras do Ressuscitado vivo, do



GRAVURA: Jesus, videira e os ramos, Stefano Pachi (Liturgia Diária – Paulus – abr.2024, p. 104).

Senhor no meio de sua comunidade, é que nos sentimos capacitados a acolhê-las como **palavras** de verdade e de vida. Estamos vivendo o tempo pascal e o tema **“vida”** perpassa todo esse tempo litúrgico.

O relato deste domingo é tirado dos chamados **“discursos de despedida”** (cf. Jo 13, 31-16,33), palavras que o Ressuscitado glorioso e vivo dirige à sua Igreja. Jesus afirma: *“Eu sou a videira verdadeira e meu Pai é o agricultor”*. Para um judeu piedoso, a **videira** era uma planta familiar, que, junto com o trigo e a oliveira, marcava a terra de Israel; é a planta da qual se extrai *“o vinho que alegra o coração humano”* (Sl 104, 15); é a planta cultivada desde sempre na terra da Palestina, símbolo de uma vida fecunda que brota de um chão árido e pedregoso, símbolo da vida abundante e alegre.

A imagem da **videira** também já tinha sido assumida pelos profetas como imagem do povo de Israel, da comunidade do Senhor: videira escolhida, arrancada do Egito e transplantada na terra prometida pelo próprio Deus, cultivada com cuidado e amor pelo Senhor, que dela esperava frutos. Deus é o vinhateiro que ama a sua vinha, mas fica frustrado com ela; Ele é o vinhateiro que chora pela sua vinha, outrora exuberante, mas agora queimada e desolada; Deus é o vinhateiro invocado em socorro da sua vinha devastada e cortada.

Mas o que é radicalmente novidade com relação ao AT é que Jesus se apresenta a si mesmo como a **“Videira verdadeira”**. Ele é a Vinha que recapitula em si toda a história do povo de Deus, assumindo seus fracassos, suas quedas e seus sofrimentos. Ele é, ao mesmo tempo, a testemunha do amor fiel de Deus que, na sua misericórdia inesgotável, renova a aliança com o seu povo.

Já não se trata somente de um povo a quem Deus consola e assiste. Deus mesmo, em Jesus, é a **“seiva”** que corre por esta comunidade-videira. Cada um, nesta comunidade, é como o sarmento, ramo nascente, destinado a dar fruto; mas a planta da videira é sempre uma, e uma só seiva a faz viver!

Toda a videira é um ser vivo: **raiz, cepa e ramos** estão atravessados pela mesma vida; mas, para manter a vida e produzir frutos, é preciso dos três elementos. O agricultor experiente sabe que, se os **ramos** não são

podados, eles podem bloquear a transmissão da seiva e não dar fruto. Por isso, é necessário que sejam regularmente podados. Sem poda não há criatividade, nem fruto e nem futuro.

Quando é podada, a *videira* é despojada de todos os ramos; só fica um tronco áspero e escuro, sem uma única folha verde. Quem não sabe de podas dirá que a videira está absolutamente morta, em pleno inverno. Só ficam presos ao tronco uns centímetros de alguns ramos que deram fruto em outro tempo e que agora parecem “cotocos” sem futuro.

Na videira, não só são podados os ramos que foram férteis; também são cortados aqueles que não dão fruto, aqueles que crescem muito, chamam a atenção porque são brilhantes e ostentosos, exibem protagonismo, ocupam espaço ao sol, absorvem a seiva que sobe pelo tronco, mas são estéreis.

Jesus nos diz na parábola que o *Pai é o agricultor*, que realiza a poda para que a videira tenha mais vida; só Ele pode transformar a destruição de uma poda em uma nova videira que dará melhores frutos. Ele pode orientar para a vida um golpe dirigido para a morte. Ele é o agricultor que ama sua vinha e que sempre trabalha no fundo do húmus da realidade com criatividade infinita.

A parábola de Jesus é completamente atual. A poda sempre será necessária em nossa vida. Todo o “novo” que assumimos, com o tempo esvazia-se, porque os “ramos existenciais” trazem dentro de si uma dose de ambiguidade e, aos poucos, vão acumulando “excessos” que exigem um consumo muito grande de seiva; na realidade, em vez de produzir frutos, se revelam infecundos e estéreis. Então, faz-se necessária uma poda para eliminar os “pesos”.

De fato, levamos “*cargas pesadas*” em nosso interior, e são justamente elas que dificultam nossa caminhada pela vida; é preciso desfazer-nos de cargas incômodas para andar com maior desenvoltura e alegria pela vida.

O medo de perder “*algo*” no futuro atrapalha viver intensamente o presente. Quantos “*pesos mortos*” arrastamos em nossa vida, com recordações, lembranças, apegos, afetos desordenados...!

O apego às coisas, bens, lugares, títulos, pessoas... impede-nos de mover com facilidade. Perdemos o “*fluxo*” da vida, o impulso do movimento, a suavidade do “deslizar pela existência”.

A *fidelidade* ao Deus da Vida fica interdita e o *seguimento* de Cristo fica fragilizado.

Quando o agricultor faz uma poda na videira, continuam saindo pelos cortes pequenas *gotas de seiva* como se ela chorasse a perda, buscando desorientada o mesmo caminho de sempre que já não existe mais.

O importante é acolher a poda, viver o luto, despedir-se do que foi perdido, e não se trancar numa queixa obsessiva que gira sobre si mesmo, paralisando o futuro. Quando não se faz o luto e não se assume a perda, as feridas se prolongam no tempo e deixam uma esteira de dor que nunca cicatriza.

Durante semanas, na *vinha podada* não acontece nada por fora, mas por dentro, célula por célula, vai sendo gestada a primavera com processos diminutos e invisíveis. A vida nova se revela no escondimento da interioridade. O ritmo é lento e não responde às impaciências do agricultor nem à hostilidade do clima que a cerca. Todo o trabalho é interior e silencioso. São as ressonâncias bíblicas do “pequeno resto de Israel”, que em tantas ocasiões foi o começo de movimentos radicalmente novos como surpresas de Deus.

Quando chega a primavera, a casca ressequida e endurecida da videira começa a abrir-se a partir de dentro pela fortaleza da vida que cresceu em seu interior. O rigor do frio vai se afastando de seu entorno. Aparecem os brotos, os ramos, as folhas e os cachos de uvas. É tempo de surpresa, um despertar da consciência de uma vitalidade assombrosa em sua pequenez e vulnerabilidade, que já é impossível de esconder e deter debaixo da casca.

Uma palavra se repete várias vezes na parábola tão breve deste domingo: “*permanecer*”. É como uma obsessão que tece todo o texto, a chave que tudo explica. Nas podas, o importante é “permanecer” conectado ao tronco de onde nos chega a vida, embora tudo parece morto.

Este relato evangélico nos revela uma relação muito poderosa, sem a qual, continuamos desconectados, secos, como mortos. É uma vinculação profunda com Jesus, fonte de vida e de

ação. “*Sem mim nada podeis fazer*”. Nossas atitudes e especialmente a fecundidade das ações mais simples dependem desta vinculação profunda com Jesus. Do contrário, aquilo que fazemos “separados” ou por nossa conta, será caduco, nos faltará profundidade e sentido. O “nada” do ramo cortado e destinado ao fogo se opõe ao “muito fruto” duradouro daquele que permanece no amor criador; a seiva nunca deixará de chegar, vindo do próprio Jesus, ao lado das mesmas cicatrizes da poda.

Somos fecundos na humildade de Deus quando temos nossas raízes bem plantadas na realidade onde Ele está oculto e de onde tudo refaz; seu amor ao mundo e sua imaginação criativa abrem na história possibilidades sempre novas, atualizadas em cada circunstância. Nosso futuro só é possível se estiver enraizado na humildade de Deus, que é o mais profundo de seus mistérios. A humildade fecunda de Deus se oculta na longa história que vai desde a dor da poda, até o sabor do vinho da nova colheita que compartilhamos.

Texto bíblico: Jo 15,1-8

Na oração: “Eu canto por ser **ramo**, unido à **Videira**. Sou **ramo** que se alarga, ampliando a minha vida. Eu deixo **vida** feita folha verde e cachos de uvas. Sou **ramo** e jorro minha **vida** feito vinho saboroso. Sou **ramo** desde a origem. Sou **ramo** ligado à Videira. Sou **ramo** alimentado pelo vigor inconstante da seiva. **Alguém** vive em mim no silêncio. **Alguém** que conhece o *bem, a verdade, a liberdade*.

Sua **Vida** é minha vida. **Seu viver é meu viver**. Para mim, a **vida** é sua **Vida**. Sou **ramo**.

Sou **ramo** e quero gritar bem alto. Sou **ramo** e vivo. Amo minha **vida** e não quero abafá-la. Amo minha vida e não quero morrer sufocado, desconectado da **Videira**. Grito a ti **Videira**, Fonte de minha vida!”